



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## HA TRINTA ANOS

---

### O TOURAL

---

(Continuado do vol. XXXII, n.º 4, páginas 391 a 398)

Houve alguém, — e o seu nome guardo-o eu no coração —, que, a propósito do último artigo aqui publicado sob esta mesma epígrafe, se julgou na obrigação de agradecer-me as simples e modestas referências feitas a um nunca esquecido membro da sua família.

Penhorou-me e desvaneceu-me o facto, confesso-o, tanto mais por ser uma prova de que, se eu não me esqueço dos *outros*, alguém há também que não se esquece de mim. E isto, hoje, é já tam raro...

Todavia, seja-me permitido devolver respeitosa e gratamente a procedência, como carta que não encontrou destinatário, os agradecimentos recebidos, visto que a generosidade, qualidade básica das almas eleitas, deve ser incompatível com a Verdade e com a Justiça, quando, como neste caso, se pretende unicamente carrear material para a História e não para a simples genealogia de uma Ascendência, ou de uma Família.

As palavras, aliás modestas e descoloridas, com que vou traçando estes artigos, ao sabor da fantasia, como barco singrando em águas conhecidas, mas numa evocação feita das mais queridas e gratas recordações da Vida, procuram apenas vincar algumas das feições, ou algumas das qualidades, — escrínio de múltiplas facetas —, que distinguiram os vimaranenses nossos contemporâneos e cujos nomes ficam aqui arquivados como um preito, mais de justiça, do que de gratidão, — que

esta mereceram-na elles, alta e perdurável, da terra em que nasceram.

A alguns desses nomes, a muitos desses nomes, votáramos nós uma afeição que o Destino volveu depois numa saudade; mas essa saudade, por grande, sincera e merecida, subsistindo ainda hoje, pungente e dolorida como na primeira hora, não fará dobrar a consciência do escritor ante o sentimento do amigo, ou a vaidade e o amor-próprio do conterrâneo. Não!

Acima de tudo — a Verdade! —, à qual se submetem, sem constrangimento, o seu coração e o seu espírito.

Não incluo, nestes artigos, aqueles, tam só, dos nossos conterrâneos que se tornaram notáveis pelo amor à terra que lhes foi berço e sepultura, pelas suas qualidades pessoais, pelos seus naturais talentos, excepcionais aptidões, ou pelas suas virtudes cívicas, mas ainda os que, não tendo podido conseguir a consagração máxima e o louvor geral, como prêmio derradeiro, estiveram presos ao autor destas modestas e insípidas linhas, pelos laços da camaradagem, do affecto, ou do ideal comum, ideal que, ao tratar-se da terra bem-amada em que nasceram, outro não era, — nem outro podia ser —, do que o seu desenvolvimento e o seu progresso, como desejo único, anseio máximo, aspiração suprema, dos seus corações de vimaranenses, — antes de tudo e acima de tudo!

Por eufemismo, talvez, dei a estes escritos, em seu início, o título «*Há trinta anos — O Toural*», em vez de «*Guimarães há trinta anos*», que melhor lhes assentava; mas se de facto não me afastei ainda do ponto da nossa terra que será sempre conhecido por esta designação, embora outra mais sugestiva lhe tenha sido dada posteriormente, subsistindo assim à própria acção dos tempos, dos homens e dos regimens, o que é certo é que aqui farei eu passar, como num grande e amplo cinematógrafo estabelecido ao ar livre, de entrada franca, — tendo por cobertura o céu e por arquibancadas as recordações recolhidas e arquivadas por cada um de nós —, todos aqueles de quem me recordo, visto o sítio escolhido não poder ser mais a propósito e ter constituído sempre o ponto preferido por todos os vimaranenses de ontem, de hoje e até mesmo de ama-

nhã, — e quem viver, verá —, onde vínhamos espairecer, falar, brincar, sorrir, — nas manhãs claras de alabastro e rosa e nos repousados, tranquilos, evocadores poentes de laca e oiro, em que, numas e noutros, a nossa terra é pródiga!

O Toural!... Se não havíamos de conhecer e recordar todos aqueles que ali viram decorrer, sem dúvida, as horas mais alegres e felizes da vida, na conversa amiga, na discussão serena, na confidência discreta, no sorriso calmo, no descanso reconfortante, na ilusão nascida, ou na quimera alimentada, serenamente, vagarosamente, despreocupadamente, à volta do jardim, ou de cá para lá e de lá para cá, nas ruas e passeios que o atravessavam e cingiam, — como uma *écharpe* o busto de mulher patriciã —, aspirando o perfume das flores sob a carícia voluptuosa e lânguida do sol, ou na penumbra do entardecer e nas doces projecções do luar — cheio de sombras, de sonho e de mistério!...

Quantos dos meus conterrâneos não amaram ali, ali deixando erguer bem alto os castelos no ar da sua fantasia? Quantos?!...

Que o diga a consciência de cada um, procurando no arquivo íntimo das suas recordações, ou folheando o livro azul-e-oiro do passado e nêle relendo as páginas evocadoras e sugestivas da mocidade alada!... Alada e desaparecida!

Outros pontos de retinião e cavaqueira havia ainda no Toural, e não pode estar esquecido, nem o estará tam cedo, o que a certa hora do dia, ou da noite, esfusiava alegre e ruidoso, no estabelecimento do *comendador Miranda* — «modas, miudezas e loterias.»

Situado entre os do *Sr. Francisco Joaquim da Costa Magalhães* e de *João de Castro Sampaio*, junto da vidraçaria do *Sr. Simões*, era ali que a mocidade de há trinta anos tinha, de preferência, o seu quartel-general. Para isso concorria, não só, o espírito jovial e galhofeiro do respectivo dono, onde a tristeza jamais fizera massa, mas ainda a simpatia que disfrutava seu filho *Gaspar*, segundo e único que lhe ficara, o tipo mais perfeito e completo do boémio e do estroina que tenho conhecido, *double*, entretanto, de um coração onde se abrigavam os mais belos e brilhantes sentimentos!

Ánimo valoroso, figura esbelta e gentil, bonito de mais para rapaz, o *Gaspar* tinha uns olhos que fizeram o enlêvo, — e a inveja —, de muita mulher bonita, tal o encanto e o doce eflúvio que dos mesmos emanava.

Nenhuma importância, porém, ligava êle ao facto, ou talvez, por isso mesmo, era de uma comunicabilidade, de uma franqueza, de uma generosidade, para tudo e para todos, que muitas vezes entre os rapazes da sua idade e condição surgiu a ideia de o darem por... pródigo, pondo assim um dique às despesas que fazia e que o próprio pai não sabia reprimir-lhe, tal era a adoração, direi até a obsessão, o fetichismo, que sentia pelo filho.

Quanto ao *comendador Miranda*, cabelo à Polka, suíças à 1830, — a que só muito mais tarde juntou o bigode, que a disciplina do balcão não permitia, como não permitia a gravata nos marçanos —, era o que verdadeiramente se podia chamar um homem espalhafatoso, amante do bulício, da animação e do ruído, — restos enfim do antigo modo de encarar a vida, que vão passando e que se vão perdendo...

Trajando sempre com irrepreensível aceio, tornara-se notável pelos casacos e sobretudoos que habitualmente usava e cuja amplidão dava, à vontade, para duas pessoas. E como à voz forte e sonora e ao gesto largo e sacudido, reunia um costume muito seu de andar, no qual o movimento dos braços acompanhava os passos largos e rápidos, quando sucedia ter de cumprimentar os seus amigos e conhecidos, que eram todos os seus conterrâneos, sem excepção, fazia-o de tal modo, de tal maneira, que tudo nele mexia e vibrava, desde os lábios abertos num franco e acolhedor sorriso, até às mãos que se abriam para apertarem, em efusivo e demorado *shake-hands*, as mãos que perto d'êles passavam.

Um dia, porém, o *Gaspar* adoeceu gravemente, tendo de retirar para uma propriedade que possuía perto de S. Torcato e desde então o *comendador Miranda* parecia outro homem, alheado, triste e abatido. Não falava nem ria. Evitava os companheiros e amigos. Esquivava-se. Escondia-se. Fugia. Vinha apenas a Guimarães buscar os remédios para o filho e re-

gressava depressa à aldeia, ajoujado ao peso dos anos e dos desgostos, das preocupações e dos cuidados!

Até que o *Gaspar* morreu, e pouco tempo depois o pai seguia-o na viagem derradeira — que o seu louco amor não soubera ou não pudera retardar!...

Assim, o nome do *comendador Miranda*, perpetua-se na relação dos nossos conterrâneos como o de um dos homens que o amor paterno desvairou, venceu e... sublimou!

Na loja de mercador de *João de Castro Sampaio* reuniam-se então os *velhotes*, aqueles que já tinham da vida a compreensão exacta, ou empregando a frase conhecida e plebeia, — já não corriam a foguetes.

Cónegos, militares reformados, capitalistas, proprietários, alguns miguelistas puros e sem contrafacção, que ainda os havia em Guimarães há trinta para quarenta anos, um ou outro titular, homens de negócios e argentários.

Era uma sociedade à parte, que a idade polvilhara como aquelas cabeças dos retratos de Watteau e o tempo desiludira e enrugecera, antítese da que lhe esfusiava ao lado, como garrafa de Champagne que ali se abrisse.

A política já não os distraía, nem lhes entretinha as horas de ócio, e uma cara bonita, ou busto esbelto que passasse, já não era capaz de os tirar daquela sornice, acordar-lhes na alma um vão desejo, ou erguer-lhes no espírito a ideia de um... pecado. Isso sim!

Encostados ao balcão, ou aos umbrais das portas, eram sempre os mesmos respeitosos e excelentíssimos sensaborões, falando compassadamente e mexendo-se a custo. A alguns saltára-os, sem dó, o reumatismo e a gota, entortando-lhes os dedos, ou alargando-lhes, exageradamente, os joanetes.

Excelentes pessoas, sem dúvida, homens modelares por certo, mas não vinha por seu intermédio o mal ao mundo, nem para a nossa terra uma ideia de desenvolvimento, de vida, de alegria e de progresso.

De todos o mais vivo e mais simpático era, com certeza, o dono da casa, figura de medalha antiga, homem correcto e aprumado, de testa ampla e face glabra, sempre irrepreensivelmente vestido e escanhoado, *João de Castro Sampaio* sobre ser um negociante se-

riíssimo e respeitado, era também um aristocrata, muito cioso do seu nome, dos seus hábitos, costumes e pergaminhos.

Havia a seguir a *Casa Havanesa* outro centro de reunião, este especialmente frequentado outrora, — e com que saudade escrevo esta palavra! —, pelos nossos conterrâneos regressados de Além-Mar, como o é ainda hoje por aqueles que, à semelhança do seu actual proprietário, já dobraram impávidos o Cabo Tormentoso, digo, o Cabo Saudoso dos quarenta.

E se a *Casa Havanesa* ainda existe actualmente, sob os inteligentes auspícios e a criteriosíssima direcção de *José Pinheiro*, sobrinho do fundador, — o eterno e juvenil rapaz de alma aberta e pura a quem estou preso por uma tam grande e sincera amizade —, não devemos esquecer que a ideia de erigir um monumento a D. Afonso Henriques, o primeiro vimeirense, o primeiro português e o primeiro patriota, — ideia efectuada depois nessa obra-prima da escultura nacional devida ao genial cinzel de Soares dos Reis —, foi gerada dentro das suas quatro paredes, tendo partido de um homem, pequeno e apoucado no corpo, mas grande, muito grande na alma, que pelo seu trabalho, pela sua inteligência, pela sua honestidade, pela sua poderosa iniciativa e pelo seu inexcedível amor-pátrio, ergueu bem alto, em terras de Santa Cruz, o nome de Guimarães — *João Dias de Castro*!

E nesta altura, é consolador afirmar que a nossa terra deve sentir-se orgulhosa e desvanecida ao recordar o encendrado amor, amor até à paixão, até à absorção, até ao delírio, que lhe tem consagrado um grande, um ilimitado número dos seus filhos, sendo sem dúvida, de entre todas as terras portuguesas, aquela que mais pode ufanar-se dessa grande e abençoada virtude.

Amor criado na forçada separação, ou no espontâneo e voluntário exílio, mas aumentado na mesma proporção da distância, — e quanto maior foi esta, maior se tornou aquele —, que se interpunha entre a terra-mãe e a terra-eleita.

A esse número pertence o nome agora lembrado nestas breves e fugidias linhas, que outro valor não teem, demasiado o sabemos nós, senão o de fazerem reviver um tempo feliz da antiga Guimarães, gravando-o

para sempre na sua linda, brilhante e imorredoura História.

Dos homens que foram assíduos frequentadores da *Havanesa* surgem, ao lado de *Bernardino José Ferreira Cardoso*, seu primeiro e honradíssimo proprietário, e pela mesma época de *João Dias de Castro*, os nomes de *Manuel Pereira Guimarães*, *António Peixoto de Matos Chaves*, dos *irmãos Pimentas*, de *Manuel Vitorino da Silva Guimarães*, de *Costa Sampaio*, de *João Ribeiro Jorge*, de *José Ferreira Mendes da Paz*, de *José do Amaral Ferreira*, de *Mannel Ribeiro de Faria* e de tantos outros, que me é impossível recordar agora.

Mas, ao deixá-los arquivados aqui, o meu pensamento prende-os na homenagem do mesmo respeito, apiedando-se especialmente dos dois primeiros pelo muito que os estimei e deles fui estimado, num tempo e numa idade em que, nem os desgostos e as contrariedades, nem as desilusões e os cuidados, tinham ainda aberto, no coração e no rosto, sulcos largos e profundos — como em terra sã, quieta e virgem, a aiveca da charrua, ou as reilhas do arado!

Entre a conclusão do meu último artigo e a sua inserção nas páginas desta Revista, poucos dias andados, quis o Destino, nessa tôrva e cruel manhã do último Novembro, abalar cruelmente a minha alma vergando-a, como a haste incauta e desprevenida, ao beijo do inesperado e brutal tufão.

Refiro-me ao doloroso acontecimento, não para prestar o culto da minha veneração e da minha piedade a quem na vida amei e respeitei como uma emanção da própria Divindade, porque esse culto não se exterioriza e no mais recôndito da minha alma o mantenho, mas para que não possa julgar-se que esse artigo foi meditado e escrito na ocasião, o que era impossível ao meu espírito atribulado e ao meu coração partido!

Assim, é na constante evocação do mais estremecido e carinhoso amor materno, que desde então elevo até Deus meu pensamento nas asas immaculadas da minha Crença e nas confiantes adorações da minha Fé por intermédio da santa e doce criatura que, logo à minha entrada na Vida, cuidadosa e pacientemente mas incutiu no cérebro e fez germinar no coração ao balbucio

das primeiras, titubiantes palavras, ao despontar dos primeiros, angelicais sorrisos, e foi depois o farol que sempre me alumiou a estrada ampla e direita e cuja luz ansiosa e invariavelmente busquei, entre o céu e a terra, — como a da estrêla de alva, nuncia da Aurora, nuncia do Bem, nuncia da Esperança!

— Minha Mãe, magia dos meus sentidos, pomba dos meus incessantes cuidados, de novo recolhida no pombal celeste depois de teres passado sôbre a terra num vôo tam brando como a aragem, tam macio como o arminho, de alma tam branca e tam pura como o luar, — de joelhos e mãos postas eu te recordo, eu te abenção, eu te bendigo, oh! minha santa, oh! minha adorada e estremecida Mãe!

Lisboa, 22 de Março de 1923.

FERNANDO DA COSTA FREITAS

DO «INSTITUTO DE COIMBRA».